



DO LIVRO À CENA

• Nilda • Capitu • Gabriela • Tieta •

1 ELAS p. 1

2 LITERATURA p. 1-2

3 ADAPTAÇÕES p. 3-5

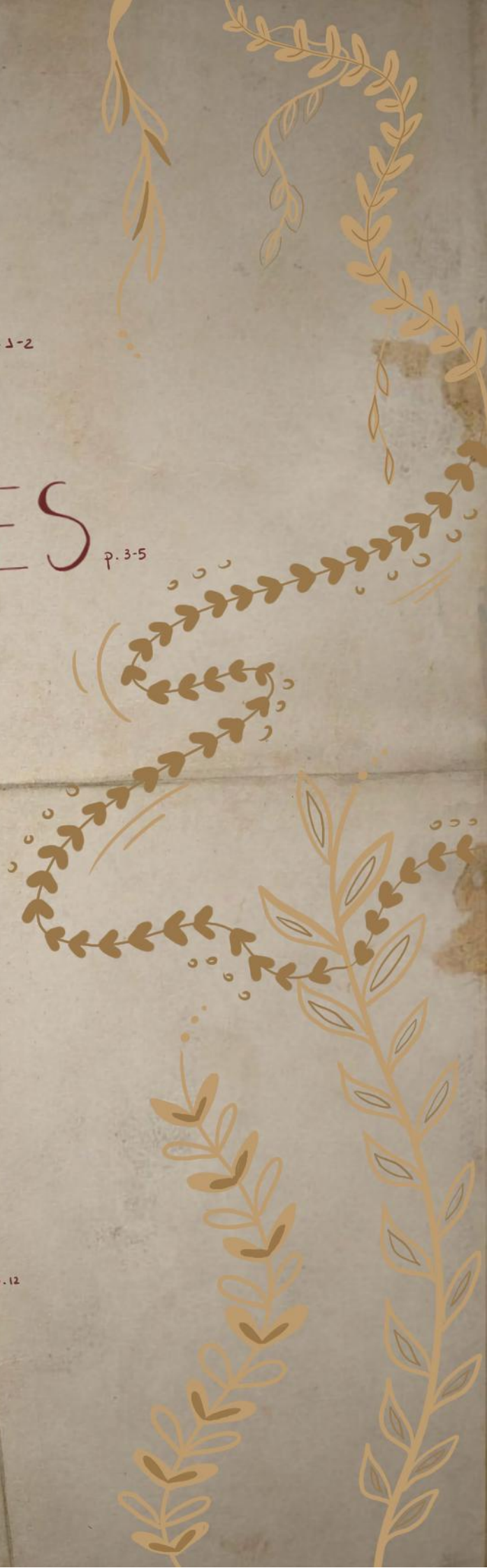
4 CAPITU p. 6-7

5 HILDA p. 8-9

6 TIETA p. 10-11

7 GABRIELA p. 12

8 FIM p. 13



Elas

Porque essas mulheres? Porque nós?
Fomos chamadas de dissimuladas.
Selvagens, imorais e loucas.
Brasileiras, temos a mesma voz com sotaques diferentes.
Estamos nos papéis e nas telas.
Somos vidas que existem além dos limites das telas ou de um parágrafo.

- Lina Helena

Literatura

A literatura brasileira é grandiosa e um tanto diversa, desde a invasão dos portugueses nesta terra e até depois da independência de Portugal, ela foi organizada em diferentes períodos literários.

No momento vamos comentar um pouco mais de duas delas, o Realismo e o Modernismo, pois são nelas que encontramos as mulheres que estamos observando.

Diferente da fase anterior, o Realismo surge com uma proposta objetiva, crítica e afrontosa. Suas obras trazem a hipocrisia da sociedade, especialmente da burguesia, e discutem questões políticas com forte uso da ironia.

Esse substantivo não pode ser colocado numa frase sozinho, ele é acompanhado por um dos maiores escritores brasileiros, Machado de Assis.

Com sua obra "Dom Casmurro", tivemos o nascimento de uma das personagens femininas mais marcantes da literatura brasileira, Capitu.

Já o Modernismo representou uma ruptura radical com o passado e as estruturas do fazer literatura.

A Semana de Arte Moderna de 1922 trouxe consigo uma nova estética, com liberdade de linguagem, valorização da cultura nacional e uma busca por uma identidade literária verdadeiramente brasileira.

Nesse berço esplêndido surge personagens femininas icônicas como Gabriela, de "Gabriela, Cravo e Canela", Tieta, de "Tieta do Agreste", ambas de Jorge Amado, e Hilda, de "Hilda Furacão", romance de Roberto Drummond.

Essas mulheres, ao lado de Capitu, ajudam a contar a história do Brasil de diferentes formas - cada uma marcada por sua época, suas dores e suas resistências.

Apesar de suas forças, suas histórias nem sempre chegam a todos os leitores. E mais: muitas vezes essas narrativas femininas não são contadas por elas mesmas, mas por autores homens.

É fácil de dizer: quem está no controle controle das emoções, dos comportamentos e das vozes dessas personagens? São os homens.

Os mesmos homens que, fora das páginas, moldam e limitam o papel da mulher na sociedade.

A literatura brasileira sempre construiu personagens complexos, especialmente mulheres que desafiaram seu tempo.

Quando essas histórias migraram para a televisão, levaram consigo suas dores, conflitos e silêncios. Assim, Capitu, Gabriela, Tieta e Hilda vão **do livro à cena** e, com elas, cruzaram também as contradições de um país que insiste em controlá-las.

Adaptações


Desde a primeira exibição, as novelas caíram no gosto do público, e logo surgiu uma questão: onde arrumar tanta história boa para encher esse novo formato que só crescia?

Foi aí que a literatura virou uma importante fonte de inspiração. Adaptar livros virou uma forma de garantir histórias bem feitas, com personagens fortes, cheias de conflitos e que seguravam o público na frente da TV. E, de quebra, ainda valorizava a cultura brasileira.

Levar os livros para televisão era uma maneira de fazer essas histórias chegarem a muito mais gente. Quem já conhecia a obra ficava curioso para ver como seria na tela, e quem não conhecia, tinha acesso àquela história de um jeito mais fácil e popular.

A televisão brasileira foi capaz de criar personagens femininas fortes, que enfrentaram os padrões da sua época, desafiaram o machismo e, muitas vezes, também o racismo.








Contudo é importante lembrar que essas histórias são, muitas vezes, exceções.

Durante muito tempo, a TV priorizou protagonistas brancas, de classe média, enquanto as mulheres negras, indígenas e periféricas apareciam em papéis secundários, cheios de estereótipos ou bem distantes do protagonismo.

Assim como na literatura, a diversidade nas telas, personagens mais plurais, e temas como racismo, desigualdade, violência contra a mulher e luta por direitos vêm ganhando aos poucos mais espaço nas novelas.

Se na literatura Capitu, Gabriela, Tieta e Hilda foram governadas e expostas por homens, nas adaptações as vozes e os sentimentos são delas e ditos por elas?







Quem deu a vida as elas na TV foram mulheres, porém, roteirizadas e dirigidas na maioria por homens. Na minissérie Capitu de 2008, Letícia Persiles interpreta Capitu ainda jovem e Maria Fernanda Cândido na fase adulta, em Gabriela de 1975 Sônia Braga dá a vida a personagem e no remake de 2012, Juliana Paes. Já em Tieta de 1989, Betty Faria e como Hilda Furacão, em 1999, Ana Paula Arósio.

Todas do Sudeste e Sul e de maioria branca. Isso representa a maior parte das mulheres brasileiras?

São representações e adaptações necessárias, mas não inclusivas.

Um caminho foi trilhado. Antes essas mulheres não tinham voz própria no livro, agora elas ganham à cena, só que não todas. Aparentemente nem todas cabem numa linha da página e numa tela de televisão.

No fim das contas, tanto a literatura quanto as novelas podem ajudar a contar a história do Brasil, a entender nossos problemas, nossos conflitos e, quem sabe, os caminhos para transformar tudo isso



Abaixo falaremos um pouco mais dessas mulheres, e você, querido leitor, também pode clicar na foto delas e descobrir o que acontece...

Capitu

A personagem de Machado de Assis é uma menina esperta, inteligente, de origem humilde, e dona de uma beleza encantadora. Quando era apenas uma menina, os outros já a enxergavam como uma mulher muito diferente das mulheres de sua época.

“Não podia tirar os olhos daquela criatura de catorze anos, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. (ASSIS, 1994. p.20)”



O contexto histórico e social que **Capitu** vive é por volta dos anos de 1850, na fase final do Império. As mulheres deveriam viver a dispor das obrigações de casa, eram criadas para serem mães e devotas aos maridos. Assim, não tinham a permissão de pensar por elas mesmas. Algumas mulheres, brancas e da elite, ultrapassaram as fronteiras domésticas, tornando-se escritoras, jornalistas, professoras e cortesãs.

Uma dessas mulheres é Capitu, que, com sua personalidade, consegue sair de certas situações impostas e deixa um pouco a ingenuidade de lado para lutar pelo seu amor Bento Santiago.

“Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana obliqua e dissimulada. Pois, apesar deles poderia passar se não fosse a vaidade e a adulação. (ASSIS, 1994, p.38)”



Na minissérie "Capitu", de 2008, dirigida por Luiz Fernando Carvalho, a história foi levada para TV com uma estética super artística, cheia de elementos visuais, cortes secos e uma linguagem bem moderna - diferente do livro "Dom Casmurro".

A série joga o foco na cabeça de Bentinho e em como ele enxerga Capitu. Assim como no livro, tudo é contado a partir do olhar dele — um cara tomado por ciúmes, inseguranças e machismo. A TV deixou isso ainda mais claro, mostrando que, talvez, o problema nem seja o que Capitu fez, e sim como Bentinho decidiu contar essa história.

"Me chamo Capitu,
mas podem me chamar de
Capitu".

Hilda

Outra personagem feminina igualmente forte e enigmática é **Hilda Furacão**, protagonista do romance homônimo de Roberto Drummond em 1991.

O livro conta a história de Hilda, uma jovem da alta sociedade belo-horizontina dos anos 1950 (tendo como pano de fundo os anos de chumbo da Ditadura Militar), que decide abandonar tudo para viver como prostituta no bordel da zona boêmia do Lagoinha.




Hilda, uma mulher com traços delicados, corpo escultural e um ar ao mesmo tempo angelical e sensual, se transforma numa prostituta que luta pela igualdade plena e pelos direitos das prostitutas.

Alguns personagens a veem como uma santa caída, outros como uma pecadora encantadora. Essa mulher oscila entre o sagrado e o profano. Ela era uma ameaça às forças conservadoras, uma perigosa agressão àqueles que tinham o poder político e social da época.

Tanto no livro quanto na minissérie "Hilda Furacão" (1998), Hilda não é uma mulher perdida, arrependida ou frágil. Muito pelo contrário: é uma mulher que escolhe o próprio caminho, desafia os padrões e enfrenta uma sociedade super conservadora.

*|| Não nasce uma mulher,
torna-se uma ||*



A história traz reflexões sobre liberdade, hipocrisia, moral, desejo, o direito da mulher sobre o próprio corpo e, claro, sobre quem dita as regras do que é certo ou errado.

Simbolicamente, Hilda Furacão surge na narrativa como um mito moderno, uma mulher que desafia os padrões de comportamento e moral da Belo Horizonte conservadora dos anos 1950.



Tieta

Tieta é uma das personagens mais icônicas, desde o Romance de Jorge Amado, até nas telenovelas brasileiras, representando uma mulher forte, que desafia o moralismo e se impõe em uma sociedade machista. **Tieta**, não foi apenas uma personagem; era um manifesto.

Quando ela chegou de volta a Santana do Agreste, cheia de sedução e riqueza, trouxe consigo uma nova representação do feminino na televisão brasileira.

Até então, as protagonistas de novelas costumavam ser mártires, ingênuas ou submissas, mulheres que sofriam caladas ou esperavam por redenção masculina. Tieta, porém, não pedia perdão.

Expulsa de casa ainda jovem por um pai moralista e violento, ela não voltou como uma filha arrependida, mas como uma mulher poderosa, que usava sua astúcia, seu corpo e seu dinheiro como armas. Inclusive para levar o tão sonhado "progresso" para a cidade que foi expulsa.

*"Isto é o que se chama
de uma recepção
da moléstia!"*



Enquanto muitas heroínas da época eram definidas por seus sacrifícios, Tieta era definida por seus prazeres e suas conquistas.

Ela mandava, manipulava, amava sem culpa e, quando necessário, humilhava quem tentava julgá-la.

Sua relação com a sexualidade foi revolucionária. Tieta não era uma "santa" nem uma "vítima do desejo" ela tinha desejo e o exerce com autonomia, e incentivava outras mulheres a fazer o mesmo.

Além disso, ela desafiava a hipocrisia social. Santana do Agreste era um microcosmo do Brasil: cheio de falsos moralistas, corruptos e invejosos. Tieta expunha a podridão por trás das aparências, mostrando que, muitas vezes, quem era chamado de "pecador" era, na verdade, mais honesto do que os "respeitáveis" cidadãos.

Tieta foi disruptiva porque não se encaixava. Ela não era boa nem má; era humana, intensa e dona de si.

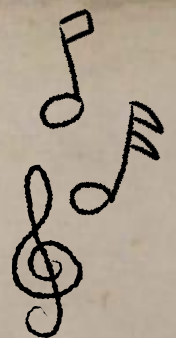


"Tieta não foi feita
Da costela de
Adão
É mulher diabo
Minha própria
tentação

Tieta é a serpente
Que encantava o
paraíso
Ela veio ao mundo
Pra virar nosso
juízo

Tieta, Tieta
Pelos olhos de
Tieta
Me deixei guiar

Tieta, Tieta
No ventre de
Tieta
Encontrei o meu
lugar"



Gabriela

Gabriela, a icônica personagem de Jorge Amado, trouxe para as novelas brasileiras uma nova forma de representar a mulher. Diferente das mocinhas submissas ou das vilãs calculistas, ela era pura autenticidade, livre, sensual e dona do próprio corpo e desejo. Interpretada por Sônia Braga (1975) e Juliana Paes (2012), Gabriela chegou a Ilhéus como um furacão de cravo e canela, desafiando a moralidade hipócrita de uma sociedade patriarcal. Sua importância para as narrativas femininas na TV foi revolucionária por trazer uma sexualidade sem culpa, Gabriela amava sem vergonha, recusando rótulos de "santa" ou "pecadora", também uma independência afetiva por não se deixar aprisionar pelo amor, mantendo sua liberdade acima de tudo.

Sua existência espontânea expôs o machismo e a falsa virtude dos coronéis de Ilhéus. Gabriela provou que uma mulher podia ser retratada como forte sem perder a doçura, sensual sem ser vulgar, e livre sem precisar se explicar. Ela abriu caminho para personagens femininas complexas e donas de seus destinos, tornando-se um marco eterno na teledramaturgia brasileira.



|| Nunca deseres ser
exemplo, nem escândalo.
Só quis amar, cozinhar
dançar ... viver".

Para refletir:

A escolha de atrizes cariocas e sulistas para interpretar Gabriela e Tieta, duas das personagens mais icônicas da literatura nordestina, revela um problema histórico na representação artística do Brasil: a invisibilização do Nordeste real em favor de um imaginário filtrado pelo eixo Rio-São Paulo. Tanto Sônia Braga quanto Juliana Paes e Betty Faria (Tieta, 1989) são atrizes talentosas, mas sua origem geográfica e cultural são as distâncias das raízes dessas personagens, mulheres cujas identidades são profundamente marcadas pelo sertão e pelo agreste baiano.



A Romantização do Nordeste sem o Nordestino

Jorge Amado criou Gabriela e Tieta como filhas do sertão e do cacau, mulheres cujas histórias são tecidas pela seca, pela migração e pela resistência à opressão regional. No entanto, ao levá-las para a TV, houve uma escolha estética e cultural por corpos e sotaques que não refletiam a geografia original. O sotaque nordestino, quando aparece, é muitas vezes caricato ou secundário, enquanto o "sotaque

neutro" (leia-se: sudestino) domina. Por um lado, Gabriela e Tieta são celebradas como símbolos da liberdade feminina; por outro, sua nordestinidade é esvaziada. São personagens que desafiam o patriarcado, mas cujas vozes foram adaptadas para agradar a um público acostumado a ver o Nordeste apenas como pano de fundo pitoresco, não como território de protagonismo legítimo.

Sim

Podemos concluir, que mesmo que as mulheres retratadas nas obras acima não tenham sido donas de suas próprias vozes, vemos que essas mulheres marcaram época e influenciaram gerações contemporâneas a sua existência e também várias gerações futuras. Esse é o poder da arte, seja na literatura, seja na teledramaturgia, retratar histórias que conectam, fazer as pessoas se encantarem e se reconhecerem. **Entre letras, gramática, set e luzes, essas mulheres entraram nas casas de outras mulheres e quebraram o silêncio de suas vozes e escreveram, com o próprio corpo, sua liberdade.**

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Gabriela, Cravo e Canela. São Paulo: Martins, 1958.
AMADO, Jorge. Tieta do Agreste. Rio de Janeiro: Record, 1977.
ASSIS, M. de. Dom Casmurro. 15º ed. São Paulo: Ática, 1994.
DRUMMOND, Roberto. Hilda Furacão. São Paulo: Siciliano, 1991.
GLOBOPLAY. Capitu. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/capitu/t/dSGWKqN5ff/>
GLOBOPLAY. Gabriela. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/gabriela/t/86v68krS1n/>
GLOBOPLAY. Hilda Furacão. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/hilda-furacao/t/TWnMsVZR1P/>
GLOBOPLAY. Tieta. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/tieta/t/QtQMqct5yH/>
TIETA. Intérprete: Luiz Caldas. Compositores: Boni, Paulo Debetio. Disponível em: <https://youtu.be/w5xf210WQO8?si=T0Fm4Clq5vHqvaXu>.

Edição

Giovanna Ferreira Oliveira
Lívia Helena Nicolau da Silva

Revisão

Giovanna Ferreira Oliveira
Lívia Helena Nicolau da Silva

Design

Elis Roschel Grandini

Curadoria Estética

Maria Fernanda Alves
Lívia Helena Nicolau da Silva
Giovanna Ferreira Oliveira

Ilustração

Elis Roschel Grandini

Curadoria de Público

Maryana Paes

Redação

Giovanna Ferreira Oliveira
Lívia Helena Nicolau da Silva
Maria Fernanda Alves
Maryana Paes